

A PERCEPÇÃO PÚBLICA DA ENERGIA: UMA HISTÓRIA CULTURAL DE SÃO PAULO

Henrique Strazzer Vilas Boas

Mariana Sarubby Gonzalez

Rafael Galvani dos Santos

Tila Corazza Teixeira Pinto

RESUMO

O trabalho apresenta aspectos cotidianos da consolidação da eletricidade como energia determinante das transformações históricas sofridas pela cidade de São Paulo ao longo do século XX. A nova fonte energética terá um impacto decisivo e contínuo no espaço público e privado dos paulistanos. Resgata-se alguns elementos fundamentais desse movimento: o Grupo *Light*; a iluminação e os transportes públicos, a publicidade de eletrodomésticos e as telecomunicações.

PALAVRAS-CHAVE

História do cotidiano. Século XX. São Paulo. História de São Paulo. Eletricidade. Energia elétrica. Urbanização. *Light and Power Company Limited*. Iluminação pública. Transporte público. Eletrodomésticos. Publicidade. Telecomunicações. História da ciência.

INTRODUÇÃO

*“Porque lá no morro
quando a Luz da Light pisca
a gente acende uma vela
que é para alumia também.
Se não tem, não faz mar
A gente samba no escuro
que é muito mais legar”*

Adoniran Barbosa

Acendem-se as luzes e começa o espetáculo do desenvolvimento urbano em São Paulo. A nova fonte energética será o componente essencial das modificações estruturais do início do século XX que transformarão uma vila interiorana em uma das cidades mais populosas do mundo. A energia elétrica e as novas tecnologias que dela derivaram serão causa e solução para uma crescente aglomeração urbana.

A eletricidade alterará definitivamente o cotidiano dos habitantes de São Paulo. Das primeiras manifestações públicas da energia elétrica na iluminação e no transporte, pouco a pouco, os paulistanos terão diversos aspectos da vida absolutamente dependentes da miríade de objetos que necessitam de eletricidade para funcionar.

O primeiro momento do crescimento urbano foi impulsionado pelo lucro da economia cafeeira no Estado, que fez progredirem os municípios ao longo dos caminhos de escoamento da produção. A posição geograficamente privilegiada da cidade de São Paulo e sua tradição histórica tornaram-na um centro aglutinador da riqueza do café, concentrando, por consequência, a imigração estrangeira e as indústrias nascentes.

Uma desses primeiros grupos industriais e, como não poderia deixar de ser, um dos grandes regentes do período de mudanças do começo do século XX na cidade de São Paulo foi o grupo canadense Light. A história da “Light” confunde-se com a história da energia elétrica em São Paulo, sendo indispensável que qualquer discussão da percepção pública desta nova fonte energética se inicie com uma retrospectiva da companhia.

Partindo da Light, este trabalho busca abordar alguns aspectos da revolução cotidiana que a chegada da energia elétrica exerceu sobre as pessoas, especificamente sobre os paulistanos, seja na vida urbana, pelo transporte coletivo e iluminação pública eletrificados, seja na vida doméstica, pelos inúmeros eletrodomésticos e novos meios de comunicação como o telefone, o rádio e a televisão.

Embora Adoniran Barbosa brinque que sambar no escuro é mais legal, é cristalino que a popularização da energia foi rápida e irreversível, tornando as pessoas extremamente dependentes dela e dos benefícios que a acompanharam. Em suma, a eletricidade será a metáfora por excelência da modernidade, adotada como imagem da esperança no progresso pela nascente metrópole.

Considerações Metodológicas

Fazer o retrospecto do impacto público da chegada e do desenvolvimento das aplicações da energia elétrica em São Paulo implica em esbarrar num infundável suprimento de documentos. Leis, jornais, fotos, cartas, romances e outras publicações podem originar aproximações intrigantes ao tema, já que o impacto da nova fonte energética pode ser chamado de universal. Além disso, considerando que o processo de introdução da eletricidade é relativamente recente, os testemunhos orais são fartos; não é difícil conhecer familiares e amigos que tenham histórias interessantes para contar sobre os primeiros contatos com as novas tecnologias derivadas da energia elétrica.

Considerando esta profusão de documentação e as limitações do presente trabalho, o grupo optou por concentrar-se nos registros publicitários. As propagandas da Light e dos novos produtos e serviços movidos à eletricidade formam um rico panorama dos aspectos públicos da eletricidade, abordando de maneira privilegiada o crescimento da industrialização e o caminho na criação de um mercado consumidor de invenções. De qualquer forma, o número de propagandas interessantes é enorme e, após visita à Fundação Energia e Saneamento, optou-se por selecionar alguns exemplos relevantes nos periódicos consultados, sem qualquer pretensão de ter esgotado o tema.

Neste sentido, é importante salientar que o assunto da percepção pública da energia é vastíssimo, sendo essa a primeira vez que os alunos o abordaram. Assim, além dos exemplos publicitários escolhidos, foi indispensável a consulta de artigos nos periódicos publicados pelo Departamento do Patrimônio Histórico da Eletropaulo, como o Boletim Histórico e a revista Memória.

A LIGHT EM CONTEXTO

A explicação do crescimento urbano no Estado de São Paulo entre 1880 e 1940 está baseada em sua vinculação com o processo produtivo. O desenvolvimento das relações de produção de natureza capitalista levaram às transformações na economia e na sociedade e também a processos diferenciados na organização dos espaços urbanos tendo em vista atender tanto as necessidades da própria expansão econômica quanto à afirmação política de uma burguesia emergente.

A disponibilidade de energia elétrica nos espaços urbanos (eletrificação urbana) possibilitou maior realização do capital nesses espaços. A energia elétrica, ao acionar máquinas, iluminar cidades, casas, fábricas, permite imediata transferência de valor às mercadorias no decorrer do processo produtivo. O crescimento do consumo e a produção de mercadorias constituem a base da expansão da eletricidade, uma vez que a produção desta depende de sua produção e venda.

O crescimento das cidades no Estado de São Paulo a partir da segunda metade do século XIX fazia surgir a possibilidade do aparecimento de alguns serviços urbanos, como a iluminação a gás ou querosene, serviços de água e esgotos e alguns transportes. Porém, o aparecimento e a expansão da iluminação elétrica estão intimamente ligados ao processo de expansão do complexo cafeeiro capitalista de São Paulo. Até o ano de 1900, a expansão da iluminação pública elétrica, no Estado de São Paulo, percorreu os mesmos caminhos da ocupação do território pelo café.

A base para as mudanças no caráter das atividades econômicas dos municípios advinha da importância de sua articulação com a atividade cafeeira, da presença da ferrovia e dos efeitos cumulativos da progressiva concentração das atividades comerciais e financeiras. No entanto a realização dessas mudanças quase sempre aparece associada à presença de energia elétrica nesses municípios.

O estabelecimento da primeira empresa que depois formou o chamado Grupo Light ocorreu em pleno domínio do café, o principal produto de exportação da época. A progressão da cultura cafeeira no Estado de São Paulo desenvolveu o porto de Santos, que em 1894 era o mais importante do nosso comércio exportador. São Paulo tornou-se, assim, a principal unidade econômica da Federação graças aos lucros do café.

A primeira empresa do Grupo Light a se estabelecer no Brasil foi fundada por um grupo de canadenses em 1899 e chamava-se *The São Paulo Railway, Light and Power Company Limited*. Os objetivos da nova companhia eram: “Estabelecer, construir, completar, manter e fazer funcionar obras para a produção, utilização e venda e produzir eletricidade gerada por vapor e força motora elétrica, a gás, pneumática, mecânica e

hidráulica ou outra força qualquer para quaisquer fins”. O presidente da República de então, o paulista Campos Salles, concede a autorização para a empresa funcionar no Brasil.

Em 1900, inaugura-se a linha de bondes elétricos Barra Funda – Santa Efigênia, a primeira na capital e a primeira da Light no país. Em 1901 é inaugurada a usina hidrelétrica de Parnaíba, a primeira da Light no país – um passo decisivo para estender suas linhas de bondes, fornecer energia às indústrias e disputar a iluminação pública com a São Paulo Gás, que era responsável da época e tinha inaugurado seus serviços em 1872 com lanternas sobre colunas. Em 1911, a Light instala postes ornamentais com iluminação elétrica em volta do teatro Municipal. Nesse mesmo ano é assinado o primeiro contrato da empresa com o governo paulista para iluminar as avenidas Brigadeiro Luís Antônio e Higienópolis. Ainda em 1911 há o decreto presidencial que autoriza o funcionamento da São Paulo Electric Co. Ltda. Esta empresa fora constituída em Toronto alguns meses antes para adquirir a Empresa de Eletricidade de Sorocaba e responsabilizar-se pela construção da usina hidrelétrica de Itupararanga, inaugurada em 1914.

Em 1912, o grupo se reestrutura, criando a *Brazilian Traction, Light and Power Co. Ltda.*, empresa holding que passa a controlar a São Paulo Light, a Rio Light e a São Paulo Electric. Começam aí as estruturas monopolizadoras do grupo canadense no país.

A iluminação pública instalada a partir de 1900 torna-se parte da simbologia do urbano, impondo sua força como sinal do futuro sobre o passado. Entre 1900 e 1910 a população do município de São Paulo cresceu de 239.820 para 375.439 habitantes. Em 1914, em decorrência do crescimento de indústrias, as regiões da capital iam sendo povoadas. Essa expansão exigia serviços públicos para atender habitantes que cada vez mais se distanciavam do centro da cidade.

O transporte urbano era o grande trunfo da Light nos primeiros anos de sua instalação em São Paulo. Foi apenas a partir de 1908 que a iluminação pública se tornou rentável.

As ligações da Light com a cidade de São Paulo não se davam apenas do ponto de vista específico dos serviços que ela prestava (luz e força). A Light passou a fazer parte da crônica da cidade com uma importância na vida da cidade que incorporava frases como: “Pensa que eu sou sócio da Light?” ou “E eu com a Light?”.

Pode-se dizer que, a partir do impulso do crescimento urbano possibilitado pelo café, a expansão da eletrificação urbana trouxe melhorias qualitativas ao padrão de vida. Desde os primórdios da geração de energia elétrica houve uma estreita ligação entre o crescimento da eletrificação e o crescimento urbano. Do ponto de vista do crescimento

urbano, o deslocamento espacial e o crescimento da atividade cafeeira levava à ocupação do território e à necessidade de concentração da população em vilas e cidades. A eletrificação fez parte do conjunto de atividades de apoio à agricultura de exportação.

A expansão da população urbana e o crescimento da atividade industrial fazem com que as cidades tornem-se cada vez mais produtivas; não são mais apenas locais de apoio à agricultura de exportação, mas são, agora, uma outra face de um processo de intercâmbio. Há um avanço na divisão do trabalho entre cidade e campo à medida que avança o processo de industrialização e as cidades crescem a taxas mais elevadas. A vida urbana moderna é um produto da industrialização, requer bens industriais: energia elétrica, transporte motorizado, utensílios domésticos, etc. A energia elétrica está intimamente ligada a esses processos. Além de ter participado do processo de crescimento urbano como infraestrutura, a eletrificação pode ser considerada também como um elemento explicativo desse processo.

A partir das primeiras instalações, a aplicação da energia elétrica foi se ampliando tanto nos países industrializados como em países cuja economia ainda não era desenvolvida, como o Brasil. De 1910 em diante a combinação do progresso técnico e de um manejo do poder financeiro fez muito para acelerar a eletrificação, enquanto nos Estados Unidos, principalmente, uma publicidade deliberada e campanhas de anúncios em escala grandiosa foram realizadas com sucesso. Foi durante o período de 1910 a 1914 que algumas das mais importantes indústrias na Grã-Bretanha, como do ferro e do aço, a manufatura de papel e produtos químicos, foram convertidas ao uso da energia elétrica, ao passo que nos Estados Unidos a grande expansão da produção industrial se baseava largamente na maior disponibilidade da eletricidade a baixo preço. Na Alemanha o progresso foi tão rápido que um intenso desenvolvimento elétrico tinha sido atingido em 1913 nas indústrias pesadas.

No Brasil as coisas se passaram de uma maneira bem mais lenta. Foram se estabelecendo usinas elétricas de pequeno porte, especialmente para atender à iluminação e ao transporte coletivo urbano, e só aos poucos para a montagem de algumas indústrias têxteis. A nova forma de energia foi sendo aplicada a passos lentos na industrialização das regiões mais desenvolvidas do país.

OS BONDES E A ILUMINAÇÃO PÚBLICA

“Trilhando a cidade em todos os sentidos, a Light criou uma extensa rede de bondes elétricos”.¹ Sete de maio de 1900. Milhares de pessoas na Alameda Barão de Limeira. Motivo: a inauguração da primeira linha de bonde elétrico de São Paulo - a São Bento-Barra Funda. “A viagem inaugural foi realizada na manhã de sete de maio de 1900 e contou com a presença do presidente do Estado, conselheiro Rodrigues Alves, o seu vice-presidente, Domingos de Moraes, o prefeito, Antonio Prado, senadores, vereadores e representantes da imprensa, do comércio, das indústrias e das artes”.² “Se dirigiu (o bonde) ao Largo São Bento, sendo aplaudido pelos populares que o aguardavam ao longo do percurso”.³ Este era o início da era Light em São Paulo. Neste mesmo mês, mais quatro linhas de bondes foram inauguradas. Dois anos depois, havia 85 carros de motor e 85 Km de linha em pleno funcionamento.

A presença dos bondes em São Paulo alterou a rotina de toda a população da cidade. É importante ressaltar aqui que, no início, os transtornos criados pela construção das linhas dos bondes geraram incômodos nas pessoas que moravam e trabalhavam ao redor das construções. “A implantação das linhas de bondes e das galerias subterrâneas para transmissão de energia elétrica fizeram do centro da cidade um imenso canteiro de obras no início do século”.⁴ Além disso, muitos acidentes foram registrados no período inicial da ‘era dos bondes elétricos’. “Os primeiros tempos de bonde elétrico causaram transtornos à cidade. São freqüentes nos jornais da época referências a acidentes: atropelamentos de pessoas ou colisões com carroças”.⁵

É fácil entender esses ‘lados negativos’ da instalação de bondes elétricos em São Paulo. Por muito tempo, o meio de transporte mais usado era o bonde de tração animal. No início de 1900, mais precisamente em janeiro, trafegavam nas ruas de São Paulo cerca de 170 carros de passageiros e 75 de cargas, todos com tração animal ou a vapor.

Neste mesmo ano, 1900, a cidade de São Paulo passava por uma profunda mudança em sua estrutura sócio-econômica, isto porque o café dava grande impulso à economia paulista. Urbanização e rápido escoamento de mercadoria passam a ser palavras comuns a São Paulo do início do século XX. Exatamente este cenário, que a Light encontrou quando se instalou na cidade, que proporcionou à empresa desenvolver duas frentes de suma importância: os bondes elétricos e a produção e distribuição de

¹ **A Cidade da Light. 1899-1930.** Pág 14

² idem. Pág 82

³ ibdem. Pág 114

⁴ ibdem. Pág 114

⁵ ibdem. Pág 13

energia elétrica. “E esta cidade em mudança e em ritmo acelerado de transformação e modernização que a Light escolhe para instalar seus negócios”.⁶ São Paulo foi a quarta cidade do Brasil a possuir veículos de tração elétrica.

Para sustentar essas duas vertentes, bondes e energia elétrica, a Light teve de investir pesado na construção de hidroelétricas. Até 1901, a única usina em operação era a da rua São Caetano. Neste mesmo ano, a usina de Parnaíba foi inaugurada e subestações foram construídas. Neste momento, a Light já contava com mais de 70 mil km de trilhos. Grande parte dessa energia gerada era desviada para o funcionamento dos bondes elétricos. No início do funcionamento dos bondes, parte da energia era gerada por usinas a vapor provisórias. Apenas em julho de 1900, com a inauguração da Estação Paula e Souza, as usinas a vapor provisórias foram desativadas.

Desde a primeira linha de bondes elétricos inaugurada na cidade, a São Bento-Barra Funda, muitos bairros foram ‘agraciados com o progresso’. Algumas delas foram as linhas Consolação, Vila Buarque, Higienópolis, Avenida Paulista, Brás, Augusta e Penha. Cada nova linha de bondes que chegava aos bairros movimentava a vida de seus moradores, desde as primeiras ações de instalação das linhas até a consequência que um bairro sofria por ter uma linha de bondes.

Dentre as modificações mais significativas, podemos citar a valorização dos terrenos ao redor das linhas. “Junto com os trilhos, vinha a rápida valorização dos terrenos localizados próximos às linhas, facilitando a sua ocupação e, conseqüentemente, a especulação imobiliária. Um exemplo são os acordos e entendimentos estabelecidos entre a Light e a Cia City, a partir de 1915, para a extensão das linhas de bondes e dos serviços de iluminação para os loteamentos da City”⁷.

Além da valorização de terrenos, a chegada e a expansão dos bondes elétricos também trouxeram mudanças no fluxo de pessoas e de mercadorias. As pessoas ganham mais mobilidade e mais agilidade. Conseguem chegar aos lugares com menos dificuldade, com mais comodidade e com maior rapidez. O mesmo acontece com a circulação de mercadorias, que chega mais rápido e melhor conservada ao seu destino final. O interessante é que esses bondes que transportavam mercadorias, os bondes de serviço, circulavam à noite, pois eram mais pesados e mais barulhentos do que os bondes de passageiros.

Pessoas e mercadorias não podiam dividir o mesmo espaço nos bondes. Assim como a elite e os operários. Por isso, existiam tipos diferentes de bondes, dentre eles o de operários e o de serviços. Além, é claro, dos bondes do correio, dos bombeiros, etc.

⁶ A Cidade da Light. 1899-1930. Pág 14

⁷ A Cidade da Light. 1899-1930. Pág 14

“Carros de passageiros abertos, fechados, de primeira e de segunda classes, reboques e até carro de inspeção e de turismo. Enfim, um conjunto para atender ao trabalho e ao lazer da comunidade”.⁸ “Bondes de serviço, que, barulhentos, cortaram a São Paulo das primeiras décadas do século como verdadeiros vetores da circulação que abastecia a metrópole nascente”.⁹ “A implantação do bonde de segunda classe para operários fazia parte de uma exigência estabelecida no contrato de concessão da Light com a Prefeitura de São Paulo (...) a empresa canadense se obrigava a cobrar passagens a preços reduzidos para os operários”.¹⁰

Vale a pena destacar também que, mesmo que indiretamente, os bondes trouxeram mudanças estruturais para as ruas de São Paulo. Antes, privilégio do centro velho da cidade, o calçamento das ruas passou a ser uma necessidade e uma reivindicação dos moradores. “A rápida expansão de linhas para os bairros tinha que enfrentar o problema da poeira. Com eram constantes as reclamações, a Light não teve outra alternativa senão providenciar carros-pipa (...) Assim aconteceu de 1903 a 1910”.¹¹ Aos poucos, a comunidade passou a exigir da prefeitura uma limpeza constante das vias e, com o tempo, a pavimentação tornou-se gênero de primeira necessidade.

A dependência da população paulistana dos bondes crescia a cada ano. Com o tempo, mais bondes e mais linhas surgiam em São Paulo. “Entre 1901 e 1912, a média anual de linhas construídas foi de 15,7 km, num total de 188,7 km”.¹² A Light e seus bondes elétricos passaram a fazer parte do cotidiano da população. “Nos 47 anos de sua atividade, esta Cia. [a Light] transportou mais de 7.800 milhões de passageiros”.¹³ “Não é à toa que, em 1908, um grande jornal chega a afirmar que a Light é ‘um estado dentro do município’”.¹⁴

É curioso registrar aqui que, durante todo o período de monopólio da Light em São Paulo, o preço da passagem dos bondes se manteve o mesmo: 200 réis. Nas duas primeiras décadas do século XX, a viação urbana foi a principal fonte de receita da Light. Depois, em meados dos anos 20, começam a diminuir os investimentos na área dos transportes coletivos a se passa olhar com olhos mais vivos para a energia elétrica.

São exatamente estes 200 réis, que permaneceram iguais de 1909 a 1947, um dos motivos pelo desinteresse da Light pela manutenção e pelo crescimento das linhas dos bondes. A geração e comercialização de energia elétrica passavam a ser um negócio

⁸ idem. Pág 14

⁹ Revista Memória. Ano IV. Nº 16. Pág 27

¹⁰ A Cidade da Light. 1899-1930. Pág 224

¹¹ A Cidade da Light. 1899-1930. Pág 29

¹² idem. Pág 14

¹³ Cinquenta Anos de Progresso. Pág 21

¹⁴ A Cidade da Light. 1899-1930. Pág 13 (O Estado de S. Paulo. 25/6/1908)

bem mais rentável para os empresários canadenses. Junto a isso, a cidade de São Paulo passa a crescer muito e desordenadamente. As periferias crescem e começam a sofrer com a falta de estrutura. Conclusão: a população crescia, a cidade se expandia para as periferias, o preço da passagem se desvalorizava, havia a necessidade de investimento para aumento das linhas e bondes, o crescimento do consumo provocava crises de energia. Na época da 2ª Guerra Mundial, a Light foi obrigada a prorrogar o contrato de prestação de serviços por motivo de guerra. Porém, só executou a manutenção do que já existia. Sem investimentos. Os bondes tornaram-se um problema, não só para a Light como para a população, que se revoltava com a qualidade dos serviços prestados: atrasos, péssima conservação e sempre lotados.

Deve-se ressaltar que a Light viu barrado, em 1927, seu Plano Integrado de Transportes, além do pedido para aumento das tarifas. “Diante das dificuldades para a manutenção do monopólio dos transportes coletivos em São Paulo, iniciou estudos para um projeto de reformulação desses transportes incluindo auto-ônibus, bondes e metrô”.¹⁵ Começava aí o declínio do monopólio da Light nos transportes coletivos em São Paulo, e a mudança de foco para a comercialização de energia.

Velas, querosene, azeite. Ao longo de muitos anos, essas eram as formas de se obter iluminação artificial. Nas últimas décadas do século XIX, São Paulo começa a sofrer algumas alterações em sua paisagem urbana, recebendo a instalação de postes de iluminação pública a gás. No início do século XX, a concessão dada a Light para a exploração dos transportes públicos em São Paulo também incluía a geração, comercialização e a prestação de serviços no ramo da energia elétrica.

É, em 1911, que a Light começa a implantar com mais força uma rede de iluminação pública. Pode-se dizer que, uma das mais importantes atitudes para o desenvolvimento da vida pública de São Paulo foi, exatamente, a iluminação de ruas, viadutos, vilas, entre outros locais. “A rede de iluminação pública, implantada sobretudo de 1911 em diante, e sua subsequente expansão, teria papel importante na orientação do crescimento urbano da cidade”¹⁶. É importante frisar aqui que, por acordos entre a Light e empresas loteadoras, muitos novos bairros e loteamentos já eram vendidos com rede de iluminação, o que valorizava ainda mais o negócio.

Com a iluminação pública ganhando corpo, os paulistanos passaram a conhecer uma vida antes desconhecida: a noturna. Esta é sem dúvida a mudança de comportamento mais significativa operada na vida das cidades pela eletrificação. A conquista da noite não só permite a ampliação da produção capitalista, como aumenta o

¹⁵ Boletim Histórico. Nº 3. 1985. Pág 2

¹⁶ A Cidade da Light. 1899-1930. Pág 14

contato e os hábitos sociais. A temida escuridão noturna e o sentimento de insegurança da grande cidade são combatidos pela iluminação artificial. Não há dúvidas de que a luz elétrica teve grande importância na mudança das relações sociais em São Paulo, pelo crescimento da vida social e econômica da cidade. O espaço público, representado pelas ruas, ganha novo sentido na vida dos paulistanos. E a iluminação pública é a responsável por isso.

A VIDA PRIVADA

A energia elétrica em São Paulo começa a causar profundas mudanças na vida privada dos paulistanos principalmente a partir de 1934, quando a Light passa a investir maciçamente na venda da própria energia elétrica. Aliada à empresa norte-americana General Electric, a companhia inunda os lares paulistanos com anúncios exaltando os benefícios da boa luz e dos primeiros eletrodomésticos.

A campanha “A boa luz é a vida dos seus olhos” tinha por objetivo enaltecer e convencer o público sobre os benefícios da luz artificial, passando a iluminação ao patamar de produto de primeira necessidade, como pode ser exemplificado no seguinte trecho de um cartaz publicitário: “A má iluminação origina distúrbios nervosos, enfraquecimento da visão, neurasthenia e outros males. Corrija quanto antes a sua iluminação”. Esses esforços em criar o vínculo entre energia elétrica, mais especificamente luz, e saúde, ou indispensabilidade de tal serviço, perdurou até 1945.

Ao final deste período, muitas casas estão abarrotadas de eletrodomésticos, o que causa uma verdadeira revolução social dentro dos lares paulistanos e, conseqüentemente, a mudança do foco das propagandas e campanhas publicitárias da Light que, ainda em ação conjunta à G.E., passa a exaltar as facilidades que os eletrodomésticos trazem à vida doméstica, bem como sua grande utilidade e, mais uma vez, a indispensabilidade da energia elétrica.

A propaganda de eletrodomésticos vende automaticamente dois produtos, o próprio do anúncio e a energia elétrica, tanto que são muito comuns anúncios que exaltam simplesmente as maravilhas do “emprego dos modernos *apparelhos electricos* [que] facilitam e simplificam a vida”, anúncios estes publicados não por fabricantes de aparelhos e sim pela Light, a distribuidora de energia elétrica.

Possuir e utilizar estes produtos passa a ser sinônimo de um certo status social, eleva seus utilizadores a classes jamais antes imaginadas, cria uma vanguarda detentora da tecnologia. A maravilha da eletricidade, antes apenas vislumbrada no âmbito público,

nos bondes, e depois na iluminação pública, agora está sob o domínio exclusivo do cidadão comum. Dentro de cada lar nasce uma nova possibilidade de dominação e subjugação da grande e poderosa energia elétrica.

Essas campanhas publicitárias vão dar tamanho resultado que, durante a década de 50, vai ocorrer um grande racionamento de energia. Tal acontecimento é resultado da sobrecarga nas redes, causada pelo intenso uso de eletrodomésticos dentro das residências e pelo crescimento do parque industrial, tudo isso conjugado a um duro período de estiagem. Mais uma vez a Light modifica os objetivos de suas campanhas publicitárias, bem como o público alvo também vai ser ampliado, durante esse período os anúncios visam educar não somente o usuário doméstico como também as indústrias, que são potencialmente grandes consumidoras de energia elétrica.

Não se pode ignorar a preocupação que já havia em procurar meios alternativos de energia, aqui no caso o gás, tanto no âmbito residencial quanto industrial. Há um número razoavelmente grande de anúncios da *Societe Anonyme du Gaz*, oferecendo serviços de gás encanado, sempre exaltando os benefícios do combustível, tanto para cozinhar quanto para o aquecimento de água e ambiente, ainda que no caso do último, a Light fosse a grande campeã em fornecimento.

As campanhas da Light são tão fortes que conseguem modificar o cotidiano das pessoas através da informação que lhes traz. Durante o período do racionamento empreendeu exaustivos esforços a fim de conscientizar os usuários e informá-los sobre a importância de se evitar o uso prolongado de aparelhos elétricos principalmente durante os horários de pico. Tão forte foi o impacto dessas campanhas que uma frase de um de seus principais anúncios perdura até hoje no meio popular, a famosa: “Você pensa que eu sou sócio da Light?”.

Durante esse período a Light multiplica seus empreendimentos de ampliação da rede de fornecimento de energia, visando acompanhar o crescimento da cidade, bem como o brusco aumento no consumo, que teve seus motivos explicitados anteriormente. Mais uma vez, como já era de se esperar, se vale de campanhas que enaltecem esses empreendimentos, levando ao público o conhecimento de tais ampliações, mas sempre frisando que praticamente não houve aumento de taxas, ao contrário de muitos outros produtos. Eram muito comuns os anúncios comparativos nos quais sempre se concluía que a energia elétrica, apesar de ser um serviço de tamanha importância, tinha um custo muito baixo ao usuário. Eram feitas até mesmo comparações entre as taxas de fornecimento de energia de outros países com as do Brasil.

Além da construção e ampliação de usinas termoelétricas e hidroelétricas, a Light também empreendeu esforços, não menos divulgados, no sentido de facilitar a vida do

usuário, ampliando a rede de atendimento ao consumidor, inclusive através do telefone, e possibilitando o pagamento de contas em agências bancárias, o que antes tinha que ser feito em postos de atendimento próprios da empresa.

Mas a participação da canadense na vida privada dos paulistanos não pára por aí, fez também largo uso do maior meio de comunicação desse período, o rádio. Patrocinou diversos programas em todas as emissoras, sempre enfocando o mais popular de cada uma, como novelas, esportes e música erudita.

Já na década de 60, a Light alcançou a grande inovação tecnológica que nasceu em 1950: a televisão. Patrocinou, produziu e apresentou diversos programas em diversas emissoras também, como o TV Arte, na TV Excelsior, programa onde eram entrevistados grandes astros e estrelas da TV, do teatro e do cinema, até mesmo estrelas internacionais, como Vivien Leigh, a Scarlet O'Hara de "E o vento levou". Na Organização Vitor Costa, antiga TV Paulista e atual Rede Globo, patrocinou, produziu e apresentou o programa "Concerto para a Juventude"; na Record, o "Escolha sua carreira" e, no final dos anos 60, o famoso "Lima Light", que foi ao ar durante quase dois anos e apresentava informações sobre atividades culturais para o final de semana paulistano além de entrevistas com personalidades do meio artístico.

A Light, dos cartazes e xilogravuras à TV, marcou época tanto na propaganda brasileira quanto no cotidiano dos paulistanos. Portadora do combustível da tecnologia, deixou gravada na memória coletiva brasileira seu nome que, mesmo não mais sendo aclamado pela juventude, ainda ressoa dentro da cabeça da velha guarda que vivenciou a expansão da cidade de São Paulo.

AS TELECOMUNICAÇÕES

A eletrificação das comunicações permitiu as transformações cotidianas mais revolucionárias da nova fonte de energia e possivelmente seja a inovação mais significativa de toda a Revolução Industrial. O sucesso do Professor Samuel Morse em desvendar as possibilidades comunicativas da eletricidade redefiniu a maneira como os indivíduos se relacionam com o mundo. Neil Postman resume magistralmente a questão: "O telégrafo elétrico foi o primeiro meio de comunicação a permitir que a velocidade da mensagem ultrapassasse a velocidade do corpo humano. Ele rompeu o vínculo histórico entre transporte e comunicação. Antes do telégrafo, todas as mensagens, inclusive as escritas, só podiam ser transmitidas na velocidade alcançada por um ser humano para levá-la. O telégrafo eliminou de uma tacada o tempo e espaço como dimensões da comunicação humana e, portanto, descarnou a informação a um ponto tal que superou

de longe a palavra escrita e a impressa. Pois a velocidade elétrica não era uma extensão dos sentidos humanos, mas a negação deles. Levou-nos a um mundo de simultaneidade e instantaneidade que foi além da experiência humana”.¹⁷

O telégrafo será semente de três invenções essenciais do nosso cotidiano: o telefone, o rádio e a televisão.

Mesmo antes do surgimento da telefonia móvel, a progressiva universalização do telefone mudou a forma das comunicações pessoais, tornando-o um aparelho presente em boa parte das casas e indispensável nas empresas. Ressalta-se que, no início, o telefone era essencialmente um aparelho para comunicação dentro da cidade, sendo pouco comuns ligações e redes interurbanas. Em 1928, quando é inaugurada a primeira central automática de São Paulo, já se registram cerca de 25.000 telefones no município¹⁸. Hoje, segundo informações da Anatel, a cidade possui quase quatro milhões e meio de linhas fixas em funcionamento¹⁹.

Além da rentável exploração do serviço telefônico, o telefone é até hoje o meio por excelência de contato de uma empresa com o consumidor do seu produto. O crescimento desenfreado da cidade, a descentralização dos serviços e o isolamento urbano faz do telefone um meio essencial de interação social. O telefone, embora, possa ser usado com um instrumento de lazer, é essencialmente um aparelho útil. Entretanto, é interessante notar como as novas tecnologias produzidas pela eletricidade podem ser estranhas à natureza humana. Comenta Nicolau Sevcenko: “Tomemos o caso do transporte público. Só sua característica técnica de vetor de deslocamento de massas é que explica como várias dezenas de pessoas podem ficar compactadas durante longos períodos, sem ceder à disposição espontânea do ser humano à comunicação com seus iguais. Ou ao contrário, como no caso do telefone, as pessoas podem despender um longo tempo se comunicando por meio de um impulso eletromagnético, sem ver a outra criatura, perceber a sua circunstância, inseri-la num espaço, mas à primeira tentativa de alguém de carne e osso se aproxima, tapa-se imediatamente o bocal do aparelho e enxota-se o invasor indesejável”.²⁰

Neste sentido, o telefone é um meio de comunicação íntima, na qual o receptor pode e pretende exercer algum controle sobre o emissor da mensagem. Isso não acontece nos meios de comunicação de massa, nos quais o receptor recebe um

¹⁷ POSTMAN, Neil. *O Desaparecimento da Infância*. Rio de Janeiro. Graphia, 1999. p. 84.

¹⁸ Revista "Sino Azul" - anno 1, jul. 1928, vol.I, nº.7, pp. 1, 2 e 3.

¹⁹ <http://sistemas.anatel.gov.br/sgou/novoSGOU/>

²⁰ SEVCENKO, Nicolau. *A Capital Irradiante: técnicas, ritmos e ritos do Rio*. IN *História da Vida Privada no Brasil*. Vol.3. São Paulo. Companhia das Letras, 1998. pp. 582-583.

conteúdo pronto, sobre o qual não poderá ter nenhum controle. O rádio e a televisão exigem a passividade e o silêncio do ouvinte ou telespectador.

O primeiro efeito deste tipo de telecomunicação acaba sendo a desvinculação do conteúdo transmitido dos seus transmissores. Quase sempre, os responsáveis pela produção da mensagem escamoteiam-se atrás de um apresentador ou locutor que dá ao conteúdo um caráter de obviedade. Neil Postman aponta com precisão esse problema já subjacente ao telégrafo: “Quando o país (EUA) instalou sua rede de fios para a passagem da velocidade elétrica, a informação tornou-se inevitavelmente mais importante que sua fonte. A metáfora a considerar aqui é a antiga tradição de executar o mensageiro que traz más notícias – isto é, a tradição de responsabilizar o falante pelo que fala –, o supremo cumprimento à identidade pessoal. Mas com o telégrafo elétrico a notícia se reificou, referida a um ente vago, ou a um ‘eles’, como em ‘diz-se no noticiário...’ ou ‘Dizem que...’ Depois do telégrafo ninguém foi mais *responsável* pela notícia”.²¹ Postman leva à frente o raciocínio da falta de responsabilidade dos meios de comunicação de massa conseguindo resumir um problema crucial da modernidade: “Mas o mais importante é que *o telégrafo iniciou o processo de tornar a informação incontrolável*. Quando o telégrafo nos deu notícia vinda de parte nenhuma, também a deu num volume sem precedente, pois a quantidade de informação é uma função da velocidade com que ela pode ser gerada e transmitida. Notícia vinda de parte nenhuma significa notícia vinda de toda a parte, a respeito de tudo e em nenhuma ordem particular. O telégrafo criou um público e um mercado não só para a notícia, mas para a notícia fragmentada, descontínua e essencialmente irrelevante, que até hoje é a principal mercadoria da indústria da notícia”.²²

Embora tenha surgido com o telégrafo, o fenômeno do Homem-Massa foi percebido na Era do Rádio²³. O rádio, de objeto reservado à elite econômica, rapidamente se tornou um eletrodoméstico quase onipresente nas residências. Em 1936, a Rádio Nacional entrou no ar, equipadas com transmissores de 50 quilohertz, transmitindo em ondas médias e curtas, alcançando recepção perfeita em quase toda parte do país²⁴. Entretanto, considerando o paradoxo dos meios de comunicação de massa, ilustrado por Postman acima, o professor Elias Saliba registra: “O rádio trazia a

²¹ POSTMAN, Neil. *Op. cit.* p. 85.

²² IDEM. *Ibidem*.

²³ “Quando o homem vive num ambiente elétrico, sua natureza se transforma e sua identidade pessoal se funde com o todo coletivo. Ele se torna o ‘Homem-Massa’. O Homem-Massa é um fenômeno de velocidade elétrica não de quantidade física. O Homem-Massa foi notado inicialmente como um fenômeno da era do rádio, mas começara a existir, sem ser notado com o telégrafo elétrico” - Marshall McLuhan IN POSTMAN, Neil. *Op. cit.* p.84.

²⁴ SALIBA, Elias T. *A Dimensão Cômica da Vida Privada na República*. IN *História da Vida Privada no Brasil*. Vol.3. São Paulo. Companhia das Letras, 1998. p. 350.

cada um, na sua rotina cotidiana, uma parcela do mundo, ajudando a mapear caminhos, modos de sociabilidade, diversão, mas... também trazia para o interior da vida doméstica as vozes confusas e as chateações da vida pública (...).²⁵

Por fim, em paralelo com o desenvolvimento da comunicação elétrica, “desenvolveu-se aquilo que Daniel Boorstin chamou de ‘revolução gráfica’, o emergir de um mundo simbólico de estampas, desenhos, cartazes e anúncios”²⁶. A televisão levará a revolução gráfica do cinema e da fotografia e o poder da comunicação do rádio para dentro das casas. Entretanto a associação das revoluções, consubstanciada na televisão imprimiu nova dimensão à relação das pessoas com o mundo, modificando para sempre valores sociais e formas de lazer. Ainda, o essencial Postman: “(...) enquanto a velocidade de transmissão tornou impossível o controle da informação, a imagem produzida em massa mudou a própria forma da informação, passando-a de discursiva a não-discursiva, de proposicional a apresentacional, de racionalista a emotiva. A linguagem é uma abstração da experiência, ao passo que as imagens são representações concretas da experiência”.²⁷

É este mundo abismado pela frenética difusão particular de imagens emotivas que toda casa urbana traz no interior das suas salas hoje. Assim, é possível concluir que, mais do que as transformações da paisagem da cidade, a energia elétrica por meio das telecomunicações alterou o íntimo do homem, a própria maneira do indivíduo perceber e se relacionar com o mundo.

CONCLUSÃO

A eletricidade se tornou um ingrediente tão comum na vida urbana que só é possível perceber sua onipresença cotidiana quando ela falta. Uma pane no sistema de distribuição de energia causa profunda angústia com a súbita constatação do quanto o trabalho, a locomoção, o entretenimento e a sensação de segurança dependem da eletricidade.

A atual ubiqüidade da energia elétrica, entretanto, é resultado de uma mudança bastante recente, embora extremamente rápida e vigorosa, iniciada apenas nas últimas décadas do século XIX e consolidada ao longo do século XX. Assim, o impacto público das modificações introduzidas na cidade de São Paulo e no cotidiano de seus habitantes está fartamente documentado em textos, fotografias, filmes, anúncios publicitários, além

²⁵ SALIBA, Elias T. *Op. cit.* p. 349

²⁶ POSTMAN, Neil. *Op. cit.* p. 86.

²⁷ POSTMAN, Neil. *Op. cit.* p. 87.

de não ser nada difícil conversar com testemunhas vivas das diversas efemérides tecnológicas proporcionadas pela eletricidade.

Assim embora o grupo tenha certeza que este trabalho de pesquisa permite a extração de algumas conclusões, o campo documental é tão vasto e esbarram-se em assuntos tão diversos e interessantes que é muito difícil apresentar um resultado minimamente definitivo. Considerados os limites inerentes ao trabalho, entretanto, buscou-se sugerir caminhos interpretativos das várias dimensões da percepção pública da energia em São Paulo. Entre eles: a fundamental importância documental das peças publicitárias que, por sua origem, combinam a demonstração do avanço industrial com o surgimento de novas situações cotidianas como, por exemplo, a iluminação e o transporte público eletrificados, os eletrodomésticos e os novos meios de comunicação e entretenimento como o rádio e a televisão; e a identificação plena da história e das opções do Grupo Light com a percepção da nova forma de energia pelo paulistano nas primeiras décadas de sua implantação.

Resgatar o surgimento de componentes tão familiares e fundamentais ao nosso próprio mundo permite concatenar o processo de desenvolvimento tecnológico com a consolidação de hábitos modernos. A compreensão desta relação clarifica as bases de uma série de estruturas atuais – entre as quais: a idéia do progresso permanente, a forma midiática de sustentação do poder, a obsolescência dos bens de consumo – que, como elétrons, circulam freneticamente o núcleo do nosso cotidiano.

BIBLIOGRAFIA

ELETROPAULO. A Cidade da Light 1899 – 1930. São Paulo: DPH Eletropaulo, 1990 (Volume 1).

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo, Edusp, 1998.

FERNANDES, Paula Porta S. *Guia dos Documentos Históricos na Cidade de São Paulo 1554 – 1954*. São Paulo, Hucitec, 1998.

LORENZO, Helena Carvalho. *Eletrificação, Urbanização e Crescimento Industrial no Estado de São Paulo, 1880 - 1940*. Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, 1993.

POSTMAN, Neil. *O Desaparecimento da Infância*. Rio de Janeiro, Graphia, 1999.

VÁRIOS AUTORES. *História da Vida Privada no Brasil, vol. 3 – República: da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

PERIÓDICOS

Tramway Light and Power Co.

Cinquenta Anos de Progresso com São Paulo – 1900 a 1950. São Paulo, s/d (folheto)

Departamento do Patrimônio Histórico da Eletropaulo.

Revista Boletim Histórico. n° 3 e n° 4. São Paulo, 1985.

Revista História e Energia. volume 2. São Paulo, 1986.

Revista Memória. Ano IV, n° 16. São Paulo, 1992.